

Ligia Chiappini, Ulrich Fleischmann e Sérgio Costa*

➤ Apresentação

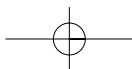
A proposta deste dossiê é, ao mesmo tempo, modesta e ambiciosa: fornecer um panorama crítico do processo econômico, social e cultural dos últimos 40 anos, ou seja, a partir do golpe militar de 1964 e, principalmente, de sua radicalização em 1968, com o Ato Institucional número 5. Este, como se sabe, fechou o Congresso Nacional e permitiu a escalada da violência contra estudantes e intelectuais por parte dos órgãos encarregados da chamada Segurança Nacional.

Para os intelectuais, a ditadura representou um duplo golpe: político e epistemológico, uma vez que quebrou as certezas e os princípios que norteavam as lutas da esquerda vanguardista, e obliterou a própria noção de vanguarda, na medida em que tornou evidente a impotência desta. Derrubou, ainda, a visão simplista que imperava e que vislumbrava o País como passível de transformação através da derrota da chamada burguesia pelo chamado povo ou através da luta contra o imperialismo, tomado de modo homogêneo e totalmente exterior à Nação que se queria transformar.

O golpe militar, momento em que o exército, o empresariado nacional e estrangeiro, os latifundiários e boa parte das camadas médias tradicionais se aliaram para combater a “vanguarda” revolucionária e seu “povo”, levou a esquerda a rever suas ilusões e a descobrir que o Brasil e o mundo eram muito mais complicados, que havia forças contraditórias, pró, contra e indiferentes ao sofrimento dos que hoje se denomina “excluídos”. Se antes ainda se acreditava no Brasil como sendo o país do futuro, ou do dia que virá, como frisavam as canções de protesto dos anos 60, anos depois, a perspectiva se inverte: o Brasil vira o país que não pode dar certo, num mundo impermeável a projetos nacionais.

Entre esses dois momentos, o contexto do golpe e um certo esgotamento das energias utópicas que toma conta de alguns setores, o País passou por muitas estações: a euforia com a modernização econômica, a resistência aos militares, a volta das multidões às ruas, já não mais como massa de manobra do populismo, mas como sociedade civil articulada e, por fim, a vitória eleitoral da esquerda. O dossiê que o leitor tem em mãos trata desses 40 anos de história intensa, a partir de algumas de suas dimensões mais visíveis.

Walnice Nogueira Galvão estuda a vertiginosa expansão da indústria cultural brasileira e, particularmente, os impactos desta sobre a produção ficcional. Ligia Chiappini complementa esse painel, estudando em seu artigo a produção poética do período, na sua diversidade regional e étnica. Barbara Fritz traça um panorama crítico das múltiplas faces assumidas pela política e pelo debate econômicos, mostrando como idéias e programas econômicos vão e voltam, independentemente das preferências políticas de quem está no poder. Sérgio Costa e Omar Ribeiro Thomaz se debruçam sobre um aspecto particular das mudanças culturais observadas, a saber, as transformações do discurso nacio-



nal e o surgimento de novas etnicidades, sobretudo a partir dos anos 70. A discussão de tais transformações é estendida e aprofundada no artigo de Ulrich Fleischmann.

O balanço oferecido pelo dossiê é, como todo panorama, certamente incompleto e seletivo. Há uma multiplicidade de atores, processos, dinâmicas e perspectivas que marcam esses 40 anos de história e que não puderam estar representados nas páginas que se seguem. Considerados tais limites, esperamos que o dossiê estimule o interesse e forneça referenciais úteis para estudos mais aprofundados dos percalços da modernização no Brasil, no contexto das profundas transformações internas e externas das últimas quatro décadas.

